

Fundos têm perdas de R\$ 33 bi em três meses

Vicente Nunes
Da equipe do Correio

OBANCO Central fugiu o quanto pôde da responsabilidade, mas terá que tomar medidas rapidamente para estancar a sangria de recursos dos Fundos de Investimentos Financeiros, os FIFs. Do final de abril, um mês antes de o governo exigir a marcação dos títulos públicos pelo valor de mercado, até o último dia 5 de agosto, os investidores sacaram R\$ 33 bilhões dessas aplicações, assustados com a grande variação na rentabilidade. Como passaram a acompanhar diariamente a cota dos FIFs, os investidores — a maioria, da classe média — não se conformam com o fato de as cotas estarem positivas em um dia e negativas no outro. Os FIFs eram tidos como um porto seguro, com rendimento fixo, sempre superior ao da caderneta de poupança.

Desde o dia 31 de maio, no entanto, com a decisão do BC de fazer valer a marcação

a mercado, os preços dos títulos públicos, que remuneram esse fundos, começaram a registrar bruscas oscilações. Temendo perdas futuras, os investidores passaram a sacar o dinheiro que tinham aplicado, criando uma bola de neve que não pára de crescer. Como precisavam vender os títulos no mercado para atender os pedidos de saques, os bancos aumentaram a oferta desses papéis. Só que o número reduzido de compradores fez com que o valor dos títulos despencasse. Por isso, tanta gente está retirando os extratos diárias de suas aplicações mostrando prejuízos.

“O problema é que, ao verem essas perdas, mais investidores resgatam suas aplicações e mais os bancos são obrigados a vender títulos públicos a qualquer preço para atender aos saques. Os prejuízos vão se multiplicando”, afirmou Marcelo Giufrida, vice-presidente da Associação Nacional

dos Bancos de Investimentos (Anbid), instituição que reúne os administradores dos FIFs. Ontem, ele esteve reunido com o diretor de Po-



FIGUEIREDO PROMETE AGIR NOS PRÓXIMOS DIAS PARA REVERTER DESCONFIAÇA DOS POUPADORES QUE APICARAM NOS FUNDOS DE INVESTIMENTOS

lítica Monetária do BC, Luiz Fernando Figueiredo, cobrando uma ação efetiva do governo para acabar com a fuga de recursos dos FIFs. Saiu do encontro com a promessa de medidas para os próximos dias, cujo teor Figueiredo não quis revelar.

LÍQUIDO E CERTO

Neste mês, do dia 1º ao dia 5, os saques nos FIFs atingiram R\$ 5,687 bilhões, dos quais R\$ 2,387 bilhões foram para a poupança. “A caderneta rende a metade dos fundos de renda fixa, mas, na visão dos investidores, o ganho é líquido e certo”, afirmou o vice-presidente do Banco ABC Brasil, Alfredo Moraes. Segundo ele, o BC não pode ficar de braços cruzados, vendendo a indústria de fundos de renda fixa, com patrimônio atual de R\$ 301,742 bilhões,

se esvaziar. Até porque quase todo esse dinheiro financia a dívida pública. Ele diz que o BC pode comprar diretamente parte dos títulos que estão desvalorizados (os de mais longo prazo), vender dinheiro diretamente para os fundos (que assim não precisariam se desfazer dos títulos públicos a qualquer preço) ou recomprar os papéis por um período pré-determinado, até que os preços se estabilizem.

A desconfiança em relação aos títulos emitidos pelos governo é tanta que, nos dois últimos dias, o BC foi obrigado a pagar juros de 28% ao ano além da variação do dólar no período, para rolar US\$ 1,535 bilhão dos US\$ 2,5 bilhões em títulos cambiais que vencem amanhã. O pior, no entanto, é que os títulos que estão sendo substituídos tinham um ano de prazo. Os novos, chamados de *swap cambial*, vence-

rão no dia 2 de setembro próximo. Ou seja, em vinte dias o BC terá novamente que refinanciar essa parcela de endividamento.

Ricardo Coriolano, da Corretora Liquidez, lembrou que o BC se recusou a vender *swap cambial* com outras duas datas. Motivo: para os contratos do dia 20 de setembro, o mercado pediu juros de 35% acima da variação cambial, e, para os contratos de 16 de janeiro do ano que vem, juros de 40% ao ano mais o câmbio. Um exagero. O BC vendeu, no entanto, R\$ 500 milhões em Letras do Tesouro Nacional (LTNs) com vencimento em 2 de outubro deste ano, a juros de 19,79% ao ano. Mas se negou a aceitar a proposta dos investidores para as Letras Financeiras do Tesouro (LFTs). O desconto pedido pelo mercado foi de 0,45% do valor do papel, quase 600% acima do deságio em tempos de

normalidade, de 0,06%. “Também por causa das eleições, o mercado exige títulos de curto prazo e juros mais alto”, complementou Eduardo Moraes, diretor da Corretora Bittencourt.

A falta de confiança no governo se refletiu no preço do dólar, que chegou a bater nos R\$ 3,26 pela manhã, mas fechou o dia a R\$ 3,165, com alta de 0,47%. O governo acredita que, a partir de amanhã, a cotação da moeda norte-americana deve cair, porque diminuirá a queda-de-braço do mercado com o BC em torno do vencimento dos títulos cambiais. Quanto maior a taxa do dólar, mais os bancos ganham. Acompanhando o movimento de baixa nos Estados Unidos — Dow Jones caiu 2,38% e a Nasdaq, 2,87% — a Bolsa de Valores de São Paulo recuou 2,87%. O risco-Brasil cravou 2.287 pontos, com alta de 2,8%.

